

## A CARTOGRAFIA DAS PAISAGENS COMO BASE DA AVALIAÇÃO DO POTENCIAL TURÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PARANAÍBA, MS: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

BARROS, Matheus Henrique de Souza<sup>1</sup>  
SALINAS-CHÁVEZ, Eduardo<sup>2</sup>  
GARCIA, Patrícia Helena Mirandola<sup>3</sup>  
GARCIA NETTO, Luiz da Rosa<sup>4</sup>

---

Recebido (Received): 30-10-2020 Aceito (Accepted): 28-07-2021

Como citar este artigo: BARROS, M. H. S; SALINAS-CHÁVEZ, E.; GARCIA, P. H. M.; GARCIA NETTO, L. R. A cartografia das paisagens como base da avaliação do potencial turístico do município de Paranaíba, MS: aspectos teóricos-metodológicos. **Formação (Online)**, v. 28, n. 53, p. 697-717, 2021.

### Resumo

A cartografia das paisagens como uma abordagem de integração geográfica permite, utilizando as ferramentas presentes nos Sistemas de Informação Geográfica e Sensoriamento Remoto, delimitar unidades espaciais homogêneas em diferentes escalas, que podem ser usadas como base para avaliar o potencial de um território para as várias atividades humanas que se desenvolvem ou poderiam se desenvolver nele. Neste trabalho, o objetivo é apresentar a concepção teórico-metodológica a ser utilizada para avaliar o potencial das paisagens para o desenvolvimento do turismo no município de Paranaíba, localizado no extremo Nordeste do estado de Mato Grosso do Sul, no Centro-Oeste do Brasil, baseado no estudo de atrativos turísticos, sua qualidade e acessibilidade, combinado com o uso de uma série de indicadores integrados, obtidos a partir do mapa de unidades de paisagem, entre os quais temos: naturalidade, diversidade, singularidade, complexidade e qualidade visual das paisagens. O que permitirá finalmente estabelecer o potencial das paisagens para uso turístico, suas limitações e uma proposta de atividades recreativas para desenvolver e sua intensidade, visando o desenvolvimento do turismo de forma sustentável neste município.

**Palavras-chave:** Paisagens. Planejamento. Atrativo turístico. Potencial. Paranaíba.

## LANDSCAPE MAPPING AS A BASIS FOR ASSESSMENT OF TOURISM POTENTIAL OF THE MUNICIPALITY OF PARANAIBA, MS: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL ASPECTS

### Abstract

Mapping of landscapes as a geographic integrating approach by using the tools present in Geographic Information Systems and Remote Sensing allows to delimit homogeneous spatial units on various scales, which may be used as the basis for assessing the potential of a territory for different human activities developing or could be developed therein. In this work, the objective is to present the theoretical and methodological conception to be used for appraising the potential of landscapes for developing tourism in the municipality of Paranaíba, situated in the far Northeastern part of the State of Mato Grosso do Sul, in Central-West Brazil, based on tourist attractions study, quality and accessibility in combination with the use of a range of built-in indicators obtained from the landscape units map, among which are: naturalness, diversification, uniqueness, complexity and visual qualities of landscapes. This will finally set out the potential of landscapes for tourism purposes, its

---

<sup>1</sup> Acadêmico do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. E-mail: [matheus\\_geo2013@gmail.com](mailto:matheus_geo2013@gmail.com) ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6189-7427>.

<sup>2</sup> Prof. Dr. Visitante Estrangeiro da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. E-mail: [esalinasc@yahoo.com](mailto:esalinasc@yahoo.com) ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5976-0475>.

<sup>3</sup> Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. E-mail: [patriciaufmsgeografia@gmail.com](mailto:patriciaufmsgeografia@gmail.com) ORCID: <http://orcid.org/0000-00027337-798X>.

<sup>4</sup> Prof. Dr. Professor Associado aposentado do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso-UFMT/Cuiabá. E-mail: [luiznetto.ufmt@gmail.com](mailto:luiznetto.ufmt@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9028-6748>.

limitations and a proposal for leisure activities to be carry out and their intensities, aiming at tourism development sustainably in this town.

**Key words:** Landscapes. Planning. Tourist attraction. Potential. Paranaíba.

## **LA CARTOGRAFÍA DE LOS PAISAJES COMO BASE PARA LA EVALUACIÓN DEL POTENCIAL TURÍSTICO DEL MUNICIPIO DE PARANAÍBA, MS: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

### **Resumen**

La cartografía de los paisajes como enfoque de integración geográfica, permite junto al uso de las herramientas presentes en los Sistemas de Información Geográfica y la Teledetección, delimitar unidades espaciales homogéneas a diferentes escalas, que pueden ser usadas como base para evaluar el potencial de un territorio para las diversas actividades humanas en el que se desarrollan o podrían desarrollarse. En este trabajo, mediante la recopilación y análisis bibliográfico nos proponemos presentar, la concepción teórico-metodológica a ser utilizada para la evaluación del potencial de los paisajes para el desarrollo del turismo en el municipio de Paranaíba, localizado en el extremo Nordeste del estado de Mato Grosso do Sul, en el Centro-Oeste de Brasil. Fundamentando dicho estudio, tanto en los atractivos turísticos presentes en el mismo, su calidad y accesibilidad, como en el uso de una serie de indicadores, obtenidos a partir del mapa de unidades de paisaje, entre los cuales tenemos: naturalidad, diversidad, singularidad, complejidad y calidad visual de los paisajes. Lo que permitirá finalmente establecer el potencial de los paisajes para el uso turístico, sus limitaciones y presentar una propuesta de actividades recreativas a ser realizadas, así como, su intensidad, buscando el desarrollo de un turismo sostenible en este municipio.

**Palabras claves:** Paisajes. Planificación. Atractivo turístico. Potencial. Paranaíba.

### **1 Introdução**

Por várias décadas, em diversos países da América Latina e Europa, tem se discutido com frequência sobre a importância do estudo da paisagem voltado ao planejamento e gestão do turismo em escala regional e local, questão amplamente analisada em trabalho recente de Salinas et al. (2019a). Para estes estudos, em muitos casos, a análise das características das paisagens e seus atrativos são utilizados de forma fragmentada para determinar as possibilidades de seu uso pelo turismo, às vezes levando em consideração os atrativos ou recursos (VAR, BECK, LOFTUS, 1977; VARISCO et al., 2014; BLANCO et al., 2015; LENO-CERRO, 1991; 1993; OLIVEIRA et al., 2015; BRASIL, 2006; ALMEIDA, 2009; IATU, BULAI, 2011, LEASK, 2016; RAMON et al., 2020), outras com base na qualidade visual e estética das paisagens ou a percepção delas por turistas (SILVEIRA, 2005; REYES et al., 2017; MORALES, 2001; GARCIA, et al., 2019; FEITOSA, CAJAIBA, 2017; OCAÑA, GÓMEZ; BLANCO, 2005; ARAUJO et al., 2013) e, em raras ocasiões, combinando ambas direções de pesquisa (MÉNDEZ et al., 2018; REYES; SANCHEZ-CRISPIN, 2005; LEMUS, DÍAZ, 2018; SCHULTE, 2003; DANTAS, MELO, 2011; ARNANDIS-I-AGRAMUNT, 2018; LEMOINE, et al. 2018). Portanto, se apresenta aqui uma abordagem teórico-metodológica que, a partir da delimitação, classificação e cartografia das unidades de

paisagem em escala detalhada e utilizando indicadores integrados, juntamente com a avaliação e classificação da atratividade, permite determinar o potencial que as paisagens têm para o desenvolvimento de diversas atividades como o turismo no município de Paranaíba no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil.

## **2 Materiais e métodos**

Em razão dos aspectos mencionados anteriormente, propõe-se como objetivo deste artigo: analisar as possibilidades oferecidas pela abordagem integrativa da paisagem geográfica para o estudo dos atrativos e do potencial turístico de um território, pelo marco da conhecida relação paisagem-turismo.

Para cumprir este objetivo, se utilizam aqui diversos métodos e procedimentos de análise, principalmente revisão bibliográfica e reflexão, aplicando uma metodologia de caráter qualitativo, denominada "análise documental não interativa" (MCMILLAN, SCHUMACHER, 2005). Esta metodologia considera adequada a revisão das informações obtidas por meio da busca sistemática em fontes bibliográficas e documentos oficiais de organismos internacionais, sobre os temas abordados, a partir da definição clara do que se pretende investigar. Posteriormente, procedeu-se à busca da informação, a qual foi organizada e analisada, conforme indicado por Gómez, et al. (2014).

Desta forma, utilizou-se o seguinte procedimento: localizar, identificar, selecionar e realizar a análise crítica da literatura considerada, com vistas a estabelecer as relações entre as paisagens e sua cartografia, com os atrativos turísticos e as potencialidades de um território para o desenvolvimento do turismo, como principal resultado do trabalho. Além disso, deve-se destacar que foram analisados trabalhos publicados em diferentes áreas do conhecimento, como Geografia, Economia e Turismo, entre outras disciplinas, visto que pretendeu-se estabelecer a relação entre os autores e a temática, o que se reflete nos antecedentes de suas publicações relacionadas ao turismo e paisagem.

## **3 Resultados e discussões**

### **3.1 As paisagens e sua cartografia**

As paisagens geográficas como uma categoria científica transdisciplinar podem ser consideradas sistemas espaço-temporais complexos, integrados por elementos e processos

naturais e antrópicos, onde a ação humana modifica suas propriedades naturais originais. As paisagens possuem particularidades em relação à estrutura, funcionamento, dinâmicas e evolução que lhes conferem propriedades de integridade, limites próprios e uma associação de elementos e fenômenos em constante e complexa interação, constituindo assim verdadeiros espaços naturais que a sociedade humana modifica para produzir, viver e sonhar (MATEO, 2011; NAVEH, LIEBERMAN, 2001; SALINAS et al., 2019b; SALINAS, RAMÓN, 2013; BASTIAN, STEINHARDT, 2002; KIYOTANI, 2014; KHOROSHEV, DYAKONOV, 2020; PINTÓ, 2009; SALINAS, REMOND, 2015; ZONNEVELD, 1995; FROLOVA, 2006; MAXIMIANO, 2004).

As paisagens como unidades de integração de natureza holística e sistêmica são a base para a realização de diversas investigações ambientais e territoriais, desde o inventário e diagnóstico de seus componentes e processos, até o seu planejamento, concebido a partir do estudo das propriedades e características dessas unidades, o que permite estabelecer as formas mais adequadas de uso sob uma utilização racional, diversificada e sustentável do território (BERTRAND, BERTRAND, 2007; BUSQUET, CORTINA, 2009; MUÑOZ-PEDREROS, 2004; TESSER, 2000; FLOCH, BRU, 2017).

As unidades de paisagem podem ser utilizadas como unidades de planejamento e gestão ambiental, servindo de suporte às atividades de ordenamento e planejamento territorial (INE-SEMARNAT, 2006; PALACIO-PRIETO, SÁNCHEZ, 2004), pois representam a síntese dos componentes e processos físico-geográficos e socioeconômicos, definindo a homogeneidade que existe em um determinado espaço geográfico.

A cartografia é um instrumento importante para o estudo das paisagens em um determinado território, não apenas como uma cartografia de síntese que busca representar (através da análise de vários mapas temáticos) a relação holística e dialética dos componentes e processos na natureza com a sociedade, mas permitindo a aproximação das dinâmicas espaciais e temporais das paisagens o que permite aos pesquisadores e planejadores tomar as medidas apropriadas para evitar os conflitos que surgem, ao analisar os potenciais e limitações naturais no desenvolvimento das diversas atividades socioeconômicas em um determinado território (CAVALCANTI, 2014). O objetivo da cartografia durante a investigação de paisagens, então, não é meramente a função de representação do fenômeno ou atributo, mas também a comunicação em termos de linguagem gráfica e visual com os possíveis usuários (NOGUÉ, VELA, 2011).

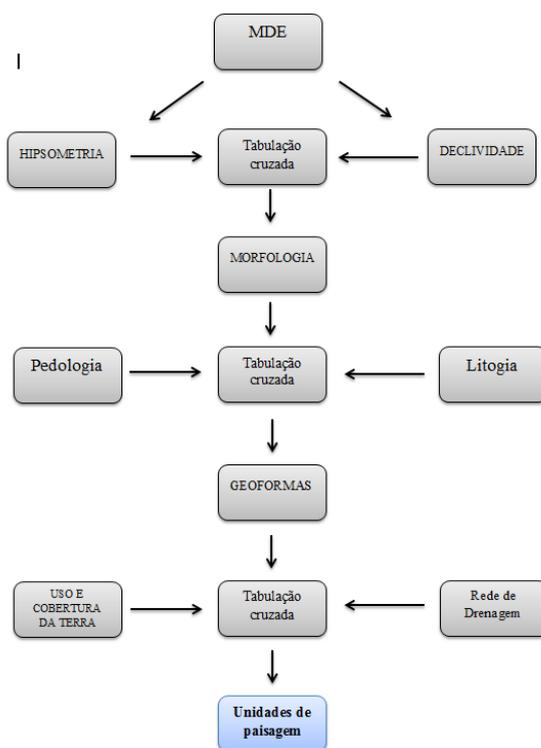
Para a delimitação, classificação e cartografia de unidades de paisagem em diferentes escalas e áreas, inúmeras investigações e publicações foram realizadas (ISACHENKO, 1973;

MARTINELLI, PEDROTTI, 2001; SALINAS, QUINTELA, 2000; RAMON, SALINAS; REMOND, 2009; SALINAS, RAMÓN, 2013; SALINAS et al., 2013; GÓMEZ, et al., 2018). Muitos esquemas de trabalho foram elaborados e experiências foram realizadas em diferentes escalas e em diferentes regiões e países (ABALAKOV, SEDYKH, 2010; CAVALCANTI et al., 2010; KONOVALOVA et al., 2005; MÜCHER et al., 2010; LANG; BLASCHKE, 2009; SALINAS, RIBEIRO, 2017; BRABYN, 2009; SALINAS, TROMBETA, LEAL, 2020).

Há consenso em reconhecer a importância dos mapas de paisagens para investigações espaciais, pois mostram a divisão de um território em áreas relativamente homogêneas, chamadas unidades de paisagem, que são delimitadas, classificadas e espacialmente mapeadas com base no uso de certas abordagens de classificação (tipológico e regional), de acordo com um ou vários critérios (variáveis ou índices de diagnóstico) e que são representados usando legendas hierárquicas. Em outras palavras, é a determinação, qualitativa ou quantitativa, de diferentes níveis de homogeneidade territorial (BRUM et al., 2001; MATEO, SILVA, 2002; GÓMEZ, RIESCO, 2010; VALLÉS, GALIANA, BRU, 2013).

Pode-se observar na Figura 1 o processo metodológico seguido para a elaboração do mapa de paisagens do município de Paranaíba, Mato Grosso do Sul, que resume a experiência adquirida por diferentes autores com diferentes abordagens e em diferentes escalas.

**Figura 1** - Esquema metodológico para obtenção do mapa de unidades de paisagem com o uso de SIG.



Fonte:Elaborado pelos autores.

### 3.2 O potencial turístico das paisagens

Há alguns anos tem-se falado em planejamento e gestão territorial do turismo, de dois conceitos muito importantes e altamente discutidos de acordo como critério: atrativos e potencial turístico.

Os **Atrativos Turísticos** são aqueles elementos, objetos ou eventos naturais, culturais ou feitos pela mão do homem que, combinados com os recursos turísticos, são capazes de gerar um deslocamento para um determinado destino turístico. A maioria dos autores classifica-os em: naturais (termas, praias, áreas naturais etc.), culturais (cidades históricas, museus, festivais etc.), e feitos pelo homem (parques temáticos, eventos etc.). Do ponto de vista empresarial, os atrativos turísticos podem ser considerados únicos e cada um deles deve ter valor específico e capacidade de atração (OLIVEIRA, et al., 2015; WALLINGRE, TOYOS, 2010; OMT, 1978; OEA, 1978; LOPEZ, 1998).

Os atrativos turísticos, segundo Cohen e Benzeni (2016), não são atributos absolutos de um lugar, mas são construídos em relação à sociedade de origem do turista, que por meio de sua imaginação, percepção, concepção e por processos de valorização social definem quais características de um lugar se tornarão atrativos turísticos e serão incorporados e comercializados como um produto turístico. Trata-se então de um conceito subjetivo, relativo e dinâmico ao longo do tempo, pois são os fatores humanos (econômicos, técnicos, culturais e políticos) que caracterizam uma sociedade em diferentes momentos históricos, os que determinam as preferências da demanda em relação a um ou outro atrativo.

Muitas vezes o conceito de atrativo ou atratividade tem sido utilizado, conforme a OMT (1978), como sinônimo de recurso turístico e vice-versa, sendo necessário realizar esclarecimentos a respeito disso.

Roberto Boullón (2006), no que se refere à distinção dos termos recurso e atrativo, indica que o primeiro vem das ciências econômicas e denota recursos naturais, humanos e de capital. Por outro lado, Leno-Cerro (1993) também menciona a origem econômica do termo recurso para designar os meios aos quais se recorre para realizar um processo produtivo e que possa satisfazer alguma necessidade humana, embora utilize em suas obras os conceitos de recurso e atrativo como sinônimos.

Segundo Navarro (2015), os recursos (naturais, econômicos, humanos) estão disponíveis para solucionar uma necessidade ou realizar uma atividade, sendo um conceito não exclusivo do fenômeno turístico e que se aplica aos atrativos naturais e culturais, dando uma idéia de mercadoria em seu estado original.

Finalmente, pode-se concluir com a explicação feita por Domínguez de Nakayama, mencionada em Varisco et al. (2014), que analisa a diferença entre recurso e atrativo, com base nos três requisitos que os elementos da natureza e da cultura devem cumprir para se inserirem na atividade turística, ou seja: ser atraente, estar apto e disponível. A primeira constitui a base dos atrativos e, quando estas também possuem aptidão e disponibilidade, tornam-se recursos.

Então, segundo Navarro (2015), pode haver recursos turísticos que não são atrativos turísticos, ou seja, eles estão disponíveis para resolver uma necessidade, mas sem que pessoas venham até eles. São relevantes, mas não motivam uma viagem, por exemplo, para que isso aconteça é necessário que o recurso seja conhecido e visitado. Porém, não é possível conceber atrativos turísticos que não sejam recursos turísticos. Assim, os recursos turísticos originam atrativos turísticos; tanto quanto os atrativos turísticos são baseados em recursos turísticos. Esse processo de transformação do recurso em atrativo consiste em tornar o recurso conhecido e visitável, como já apontamos. Segundo Gurria di Bella (1991), o mesmo elemento pode ser considerado um recurso pelo planejador e atrativo pelo visitante.

Nas últimas décadas se passou a utilizar mais a denominação de recursos territoriais do que os recursos turísticos e muito se publicou sobre a transformação dos recursos territoriais em atrativos turísticos e a valorização dos referidos bens (COHEN, BENSENY, 2016; BARRADO, 2011; SILVA, FERNÁNDEZ, 2008; CEBRIÁN, GARCÍA, 2010; ARNANDIS-I-AGRAMUNT, 2019).

Neste trabalho optou-se por utilizar o conceito de atrativo já que, segundo muitos autores, eles são identificados como o componente mais importante do produto turístico e determinam a seleção, pelo turista, do destino de sua viagem, podendo satisfazer suas principais motivações.

A classificação dos Atrativos Turísticos foi feita principalmente através da análise da sua própria natureza, dividindo-os em tipos (naturais, históricos, monumentais, artísticos e técnicos e manifestações tradicionais e eventos programados) e subtipos (planícies, costas, edifícios religiosos, artesanatos, festivais, etc.), sendo bem conhecidos e utilizados nas classificações da Organização dos Estados Americanos, da Organização Mundial de Turismo e a de Diego López Olivares na Espanha (OEA, 1978; OMT, 1978; LÓPEZ, 1998).

**Potencial Turístico:** Antes de definir este conceito, vale apresentar o conceito de potencial como é reconhecido por vários especialistas e utilizado em Geografia e nos estudos de Ordenação e Planejamento Ambiental e Territorial. Sem entrar em questões gramaticais, com foco exclusivamente nas definições que foram dadas a partir do campo geográfico ou

físico, destaca-se o potencial como "a função que permite determinar a duração e a intensidade de um dado campo de forças". Outro dos significados iria à linha de aplicá-lo ao "possível", que pode acontecer ou existir independentemente do que realmente existe. A idéia de potencial, então, deriva do conceito físico de gravidade e pode ser aplicada a uma ampla variedade de fenômenos sociais e econômicos.

O potencial como categoria científica corresponde aos recursos naturais potenciais da economia. Eles passam para a categoria de recursos efetivamente utilizados, através de um processo histórico, controlado pela capacidade tecnológica e pelo desenvolvimento socioeconômico da sociedade, representando, sem dúvida, uma avaliação mais precisa da capacidade de uma unidade natural nas condições atuais e futuras de utilização.

O potencial da paisagem é então concebido como "a capacidade produtiva, informativa e reguladora das paisagens, de acordo com a associação de certas possibilidades e condições atuais para diferentes tipos de uso, com o objetivo de satisfazer as necessidades da sociedade" (SALINAS, 1991, p. 32) e reflete o possível complemento, por parte da paisagem, de certas funções socioeconômicas que lhe são atribuídas, dependendo de suas propriedades naturais. Por exemplo, potencial para regulação biótica, potencial hídrico, potencial produtivo e de descontaminação, potencial agrícola e florestal, potencial turístico, potencial construtivo e outros.

O Potencial turístico, segundo Almeida (2009), pode ser entendido como a existência de condições objetivas favoráveis à oferta turística, dos aspectos normativos institucionais e de outros fatores complementares capazes de viabilizar, por meio de um planejamento adequado, um turismo sustentável destinado a satisfazer uma demanda atual ou latente.

Outros autores falam sobre o potencial de Recreação/Turismo como o conjunto de condições naturais e culturais que influenciam positivamente o organismo humano e garantem a restauração das capacidades de trabalho dos seres humanos, ou como a aptidão de um território para o desenvolvimento do turismo e sua suscetibilidade com base nos recursos disponíveis (SMITH, 1992; LENO-CERRO, 1993; BASTIAN, STEINHARDT; 2002; NIKOLAIEV, AVESALOMOVA, CHIZHOVA, 2011).

A avaliação do potencial turístico de um território permite estabelecer o zoneamento da área em unidades espaciais, de acordo com sua aptidão para o desenvolvimento de diversas atividades turísticas e levando em consideração outros aspectos como infraestrutura, demanda etc.

### 3.3 Metodologia para o estudo do potencial turístico das paisagens

É necessário destacar que os trabalhos que abordam os métodos e técnicas para a avaliação do potencial do território para o turismo são muito escassos, destacando-se o escrito por Leno-Cerro no ano de 1993, onde algumas metodologias existentes são apresentadas naquele momento e as modificações propostas pelo autor com base em sua experiência e aplicação. Essa falta de metodologias gerais e sua possível aplicação a diferentes áreas geográficas foi apontada por Smith (1992) quando mencionou "que nomear, descrever e classificar atrativos recreativos/turísticos é um problema complexo e de múltiplas facetas". Embora a maioria dos pesquisadores concorde com essa afirmação e também com a necessidade de superá-la, eles também concordam que o uso de um único sistema de classificação não é possível, então o mais comum é desenvolver uma tipologia adaptada às necessidades particulares de cada âmbito de aplicação (NAVARRO, LUQUE, 2005).

Segundo a OMT (1978), três causas podem ser identificadas, pelas quais não existem técnicas universais que permitam uma avaliação general e sistemática dos atrativos turísticos, sendo elas:

- Os atrativos são de natureza muito diversa (uma montanha, uma paisagem, um museu etc.), com características diferentes e, portanto, diferentes formas de avaliação;
- Muitos deles são de natureza intangível, ou seja, não é possível coletar todos e contá-los;
- Há um grau de subjetividade que é importante ao avaliá-los, pois depende da demanda e das sucessivas mudanças nos gostos dos consumidores (tendências).

Para este estudo, foram consultados dezenas de trabalhos aplicados em diferentes áreas e escalas, desde simples inventários e avaliação dos atrativos e recursos, até a aplicação da Avaliação Multicritério, o uso de Sistemas de Informações Geográficas e outras tecnologias para determinar o Potencial das Paisagens para o Turismo (PÉREZ-VIVAR, 2013; ANDREU et al., 2005). Conclui-se, então, que não existe uma abordagem metodológica única e universal que possa ser aplicada em todos os casos, embora seja possível classificar os métodos e técnicas usados em grupos ou tipos que de forma resumida será explicada adiante.

### **3.4 Inventário e Hierarquização de atrativos.**

Essa etapa começa com o inventário dos atrativos seguindo um esquema de classificação existente, como os propostos pela OEA (1978), pela OMT (1978) ou pelo Vice Ministério do Turismo do Peru (MINCETUR, 2006) e pela preparação de uma ficha para cada um deles, acompanhado de sua localização geográfica. O segundo passo consiste na avaliação e classificação dos mesmos, levando em consideração vários critérios que podem variar de um autor para outro, mas em geral visam avaliar a qualidade dos atrativos (analisando suas características, estado de conservação, etc.), sua acessibilidade ou acesso (medido no tempo e/ou distância, vias de acesso e meios de transporte) e outros indicadores ou variáveis selecionadas (singularidade, autenticidade, diversidade, etc.). O terceiro passo recomendado é dar peso a cada um desses critérios e usar uma fórmula ou índice agregado (MINCETUR, 2008), para determinar o valor dos atrativos, que podem ser classificados em categorias e cartografados, para finalmente serem sobrepostas as unidades de paisagens determinadas para a área de estudo, determinando o Grau de Atratividade ou Índice de Atratividade das Paisagens e até mesmo estabelecendo um *ranking* dos atrativos na área de estudo (CORPORACIÓN DE CONSERVACIÓN Y DESARROLLO, 1994; BRASIL, 2007; DANTAS, MELO, 2011; GOBIERNO VASCO, 1997; FERRARIO, 1980; CORVALAN, 2005; RAMON et al., 2020).

Este inventário e hierarquização de atrativos podem então ser considerados como um catálogo de lugares, objetos ou atividades de interesse turístico para uma determinada área.

Apesar das dificuldades que surgem para a aplicação desses métodos, buscou-se encontrar alguns fatores comuns nos quais fundamentaram esse processo de avaliação e classificação dos atrativos, considerando três critérios básicos que são:

- O grau de interesse que o atrativo desperta sob demanda;
- A singularidade ou originalidade do atrativo;
- Sua disponibilidade ao longo do tempo.

### **3.5 Determinação do potencial turístico das paisagens**

Os métodos para o inventário e classificação dos atrativos turísticos são um primeiro passo na análise do potencial turístico de uma área, município etc., facilitando a identificação

de elementos ou atividades que têm um poder atual ou potencial para atrair a demanda turística (LENO-CERRO, 1991).

A determinação do potencial turístico pode ser feita de várias formas:

- Mediante o uso de matrizes e indicadores que avaliam a aptidão do território para uma modalidade específica ou segmento turístico;
- Mediante um processo geral de avaliação da aptidão das paisagens de um território para o desenvolvimento do turismo em geral ou algum tipo específico de turismo e a determinação da sua viabilidade (socioeconômica, ambiental e técnico-financeira).

A primeira considera o uso de critérios de avaliação flexíveis, baseados no uso de indicadores que fornecem uma magnitude dos fenômenos ou processos a serem avaliados e que podem ser divididos de acordo com alguns autores em indicadores: ambientais (valor ecológico, características ambientais particulares, existência de fauna e flora autóctones, tipos e formas de relevo excepcionais, etc.), turísticos (existência de alojamento ou possibilidade de sua implantação, existência de produtos e serviços turísticos e presença de infraestrutura de comunicação externa e interna, entre outros), de percepção (a apreciação geral ou percepção global do ambiente, preferências estéticas, etc.) e antrópicos que permitem avaliar o potencial de uso e desenvolvimento turístico de todas as manifestações humanas no território (arquitetura popular e monumental, artesanato, gastronomia, costumes, festas e tradições, entre outros).

Salinas (2002) e La O, Salinas e Licea (2012) propõem a determinação do potencial turístico levando em consideração quatro valores fundamentais da paisagem, que são: valor estético-cênico, analisado a partir das características da bacia visual e da presença de impactos visuais; valor natural, assumido pelo potencial natural ou conservativo da paisagem; valor socioeconômico, determinado pela diversidade da infraestrutura turística, acessibilidade e existência de assentamentos como fonte de recursos laborais; e o valor histórico-cultural, expresso pela presença ou ausência desse valor.

A avaliação do potencial turístico neste primeiro tipo é então realizada avaliando e pesando cada indicador selecionado de acordo com os critérios de uma equipe de especialistas, utilizando para isso algumas técnicas específicas como: Tormenta de ideias, Delphi, etc., complementadas com emprego de matrizes (ALMEIDA, 2009; MENDEZ et al., 2018; GONÇALVES, CARDOZO, 2012; REYES, SANCHEZ-CRISPIN, 2005; ZANFELICE, et al.,

2009; CEREZO, GALACHO, 2011) e alguma técnica particular para o processo de ponderação e classificação dos indicadores (SAATY, 1988).

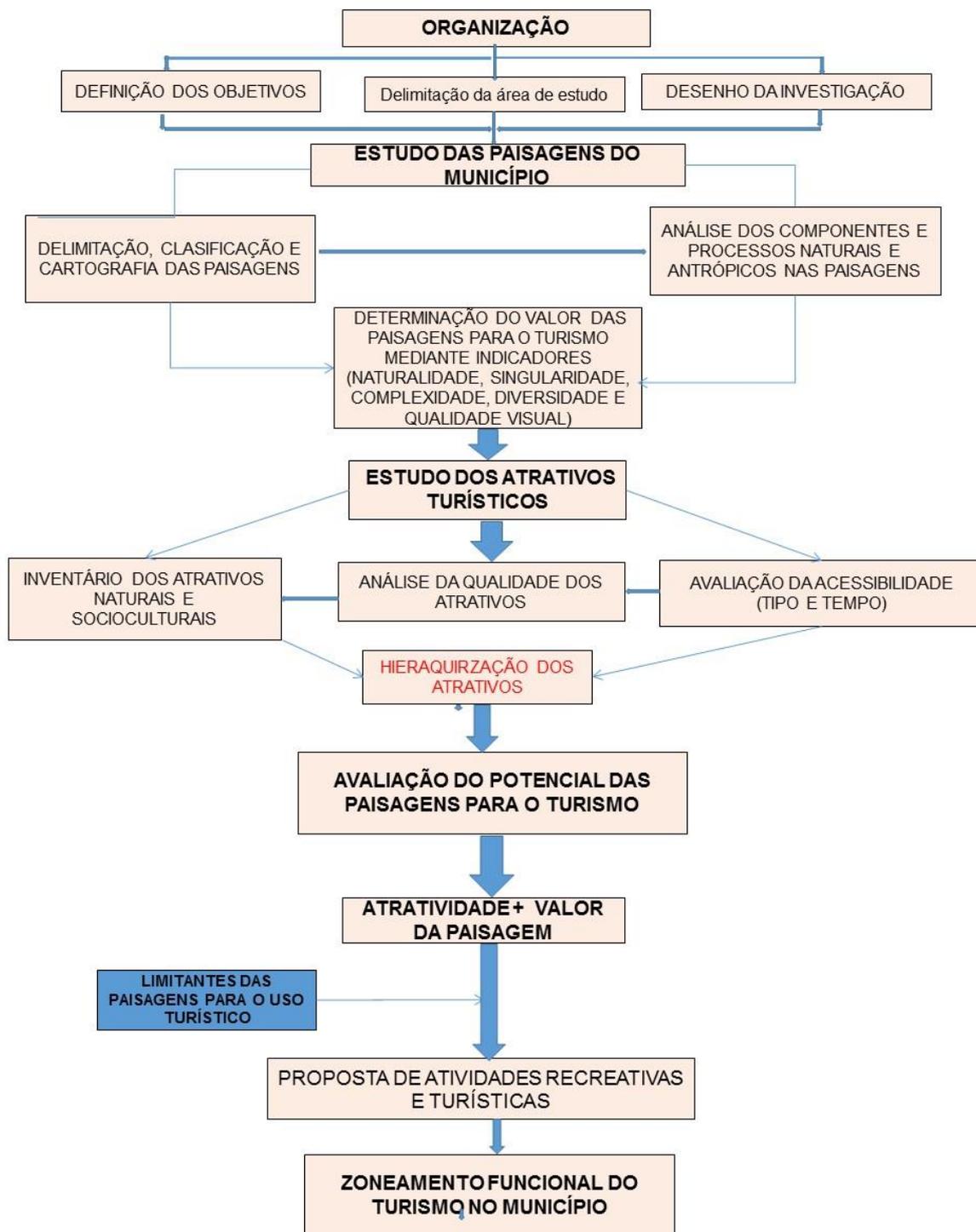
A segunda forma é executada em uma série de etapas que são:

- Estabelecimento da matriz de atributos ou características de paisagens (oferta);
- Estabelecimento dos requisitos da atividade turística a ser avaliada (demanda);
- Confrontação dos atributos com os requisitos para determinar a aptidão natural das paisagens para a referida atividade (relação oferta-demanda);
- Análise de compatibilidade legal (isto é, se houver alguma categoria de proteção ou área com uso especial, que impeça ou limite outro uso);
- Avaliação da viabilidade socioeconômica, ambiental e técnico-financeira da atividade em cada unidade de paisagem através dos critérios dos especialistas;
- Estabelecimento da aptidão de cada unidade de paisagem para a atividade turística avaliada, podendo propor uma aptidão principal, combinada com outras secundárias;
- Cartografia da aptidão das unidades de paisagem para a atividade turística avaliada.

Finalmente, alguns autores propõem avaliar os conflitos de uso entre a atividade avaliada e o uso atual no território e a determinação das áreas críticas, o que permitirá estabelecer a proposta de Zoneamento Funcional para o território (GENELETTI et al., 2010; INE-SEMARNAT, 2006; PALACIO-PRIETO, SÁNCHEZ, 2004; MIRAVET-SÁNCHEZ et al., 2014).

No caso específico desta pesquisa que vem sendo realizada, pretende-se determinar o potencial das paisagens para uso turístico no município de Paranaíba - MS, combinando a avaliação dos atrativos com o uso de indicadores selecionados, seguindo a seqüência de fases e tarefas propostas na Figura 2.

**Figura 2** - Proposta metodológica para avaliar o potencial das paisagens para o turismo no município de Paranaíba-MS, Brasil.



Fonte: Elaborado pelos autores.

#### 4 Considerações Finais

A importância dada ao estudo da relação entre paisagem e turismo nas últimas décadas reflete as mudanças recentes na demanda dos visitantes e a necessidade de oferecer a os turistas atuais e potenciais, produtos que incorporem cada vez mais os espaços onde o turismo é realizado e as comunidades que ali habitam. Nesse contexto, os estudos regionais e locais para o desenvolvimento do turismo tornam-se elementos básicos para a avaliação das possibilidades de seu desenvolvimento, a partir da análise de seus atrativos e do potencial das paisagens.

Compreende-se que a cartografia das paisagens, como uma concepção integradora em um nível espacial das características dos componentes e processos naturais e antrópicos em um determinado espaço geográfico, torna-se então a ferramenta fundamental para o processo de inventário, classificação e avaliação dos atrativos, potenciais e limitações para o desenvolvimento de diversas modalidades recreativas e turísticas nas unidades de paisagem existentes nos territórios em estudo.

A proposta metodológica aqui apresentada e que, como forma de validação, será utilizada no estudo do potencial turístico do município de Paranaíba, no estado do Mato Grosso do Sul, baseia-se no inventário dos atrativos turísticos deste território, que será complementado com a avaliação do potencial das unidades de paisagem delimitadas e cartografadas com base na análise geocológica que a sustenta.

Por fim, a avaliação do potencial das paisagens, como uma concepção integrada da relação entre o espaço geográfico e o turismo, passa a ser a base do zoneamento turístico do território e para a proposta do Modelo de Uso Desejado para o desenvolvimento do turismo, de modo que possa cumprir os requisitos fundamentais para alcançar a sustentabilidade do turismo a nível local.

#### Referências

ABALAKOV, A. D.; SEDYKH, S. A. Regional-typological study and mapping of geosystems: analysis of the implementation, **Geography and Natural Resources**, 31, p. 317-323, 2010.

ALMEIDA, M. Matriz de Avaliação do Potencial Turístico de Localidades Receptoras. **Turismo em Análise**, v. 20, n. 3, p. 541-563, 2009.

ANDREU, N.; BENJAMÍN, F.; GARCÍA, M.; LÓPEZ, D. Técnicas e instrumentos para el análisis territorial. In: ANTÓN, S.; GONZÁLEZ, F. (Coord.) **Planificación territorial del turismo**. Barcelona: Editorial UOC, 2005, p. 61-142.

ARAUJO, L.; CABRAL DE MEDEIROS, C. S.; SALES, A. Análise de paisagens turísticas da praia de Jenipabu (RN) com a utilização de indicadores de qualidade visual: uma contribuição para o turismo sustentável, **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 14, n. 45, p. 110-124, 2013.

ARNANDIS-I-AGRAMUNT, R. ¿Qué es un Recurso Turístico? Un Análisis Delphi a la Academia Hispana, **Cuadernos de Turismo**, nº 43, p. 39-6, 2019.

ARNANDIS-I-AGRAMUNT, R. Una revisión a la planificación de los recursos: sobre los enfoques de evaluación y los modelos de adaptación al uso turístico. **Investigaciones Turísticas** (15), p. 168-197, 2018.

BARRADO, D. Recursos territoriales y procesos geográficos: el ejemplo de los recursos turísticos. **Estudios Geográficos**, LXXII (270), p. 35-58, 2011.

BASTIAN, O.; STEINHARDT, U. **Development and Perspectives of Landscape Ecology**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002.

BERTRAND, C.; BERTRAND G. Uma Geografia Transversal e de Travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades, Maringá: Ed. Massoni, 2007.

BLANCO, P.; VÁZQUEZ, V.; REYES, J. A.; GUZMÁN, M. G. Inventario de recursos turísticos como base para la planificación territorial en la zona del altiplano de San Luis Potosi, México, **Cuadernos de Turismo**, n. 35, p. 17-42, 2015.

BOULLÓN, R. **Planificación del espacio turístico**, 4. ed. México: Editorial Trillas, 2006.

BRABYN, L. Classifying landscape character, **Landscape Research**, 34, p. 299-321, 2009.

BRASIL. **Projeto Inventário da Oferta Turística**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo, Programa de Regionalização do Turismo, Coordenação Geral de Regionalização, **Metodologia de hierarquização de atrativos Turísticos**, Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

BRUM, A. et al. Metodologias de análise e de classificação das paisagens. O exemplo do projeto Estrela, **Finisterra**, XXXVI, n. 72, p. 157-178, 2001.

BUSQUETS, J.; CORTINA, A. (Coord.). **Gestión del Paisaje**. Manual de protección, gestión y ordenación del paisaje, Barcelona: Editorial Ariel, 2009.

CAVALCANTI, L. C. S. **Cartografia de paisagens: fundamentos**, São Paulo: Oficina de Textos, 2014.

CAVALCANTI, L. C. S.; CORREA, A. C. B.; ARAÚJO FILHO, J. C. Fundamentos para o mapeamento de geossistemas: uma atualização conceitual, **Geografia** (Rio Claro, Impresso) v. 35, p. 539-551, 2010.

CEBRIÁN, F.; GARCÍA, J. A. Propuesta metodológica para la identificación, clasificación y puesta en valor de los recursos territoriales del turismo interior. La provincia de Albacete, **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, n. 54, p. 361-383, 2010.

CEREZO, A.; GALACHO, F. B. Propuesta metodológica con SIG para la evaluación de la potencialidad del territorio respecto a actividades ecoturísticas y de turismo activo. Aplicación en la Sierra de Las Nieves (Málaga, España). **Investigaciones Turísticas**. N° 1, enero-junio, p. 134-147, 2011.

COHEN, C.; BENSENY, G. Turismo y territorio. Un abordaje teórico desde los conceptos: recursos territoriales y atractivos turísticos. In: LAN, D. (edit.) **Geografías en diálogo. Aportes para la reflexión**. Tandil: Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2016, p. 35-41.

CORPORACION DE CONSERVACION Y DESARROLLO. **Guía Metodológica**. Desarrollo de Proyectos de Ecoturismo: Inventario, Diseño, Operación y Monitoreo. Quito: IDOM, 2014.

CORVALÁN, S. **Levantamento e caracterização dos atrativos naturais da bacia do rio Passa Cinco, através de geoprocessamento**, 125 folhas, 2005, Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual "Julio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2005.

DANTAS, N. G.; MELO, R. S. Análise da metodologia de hierarquização de atrativos turísticos como instrumento para elaboração de roteiros turísticos no município de Itabaiana (PB), **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.147-163, 2011.

FEITOSA, A. K.; CAJAIBA, R. L. Potencial Turístico e a Percepção Socioambiental sob a ótica dos turistas na Serra do rio do Rastro, SC. **CULTUR**, 11, n. 2, p. 183-199, 2017.

FERRARIO, F. An evaluation of touristresources of South Africa, **Etudes et Memoires**, Centre de Hautes Etudes Touristiques, Aix-en- Provence, v. 44, 1980.

FOLCH, R.; BRU, J. **Ambiente, Territorio y Paisaje**. Valores y valoraciones. Barcelona: Editorial Barcino SA, 2017.

FROLOVA, M. Desde el concepto de paisaje a la Teoría del geosistema en la Geografía rusa: ¿hacia una aproximación global del medio ambiente?, **Ería**, n. 70, p. 225-235, 2006.

GARCIA, A.; SERRANO, M. A.; MENDEZ, A.; SALINAS, E. Diseño y aplicación de indicadores de calidad paisajística para la evaluación de atractivos turísticos en áreas rurales, **Revista de Geografía Norte Grande**, 72, p. 55-73, 2019.

GENELETTI, D.; SALINAS, E.; MARCHI, A.; ORSI, F. Designing and Comparing Zoning Scenarios for the Viñales National Park, Cuba, **GEOSIG**, a. 2, n. 2, p. 164-185, 2010.

GOBIERNO VASCO. **Inventario de Recursos Turísticos**, Vitoria, 1997.

GÓMEZ, E.; NAVAS, D. F.; APONTE, G.; BETANCOURT, L. A. Metodología para la revisión bibliográfica y la gestión de información de temas científicos, a través de su estructuración y sistematización. **DYNA revista de la Facultad de Minas**, Universidad Nacional de Colombia, Sede Medellín, 81(184), p. 158-168, 2014.

GÓMEZ, J.; RIESCO, P. (Coord.) **Marco conceptual y metodológico para los paisajes españoles: aplicación a tres escalas espaciales**. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Vivienda, 2010.

GÓMEZ, J.; RIESCO, P.; FROLOVA, M.; RODRÍGUEZ, J. The landscape taxonomic pyramid (LTP): a multi-scale classification adapted to spatial planning, **Landscape Research**, 17 p., 2018.

GONÇALVES, J.; CARDOZO, P. F. Metodologia para aferimento de potencialidade turística: um estudo de caso, **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 128, p.171-178, 2012.

GURRÍA DI BELLA, M. **Introducción al Turismo**. México: Editorial Trillas, 1994.

IATU, C.; BULAI, M. New approach in evaluating tourism attractiveness in the region of Moldavia (Romania), **International Journal of Energy and Environment**, Issue 2, Volume 5, p. 165-174, 2011.

INE-SEMARNAT. **Manual del Proceso de Ordenamiento Ecológico**, México D.F.: Secretaria de Medio Ambiente y Recursos Naturales, 2006.

ISACHENKO, A. G. **Principles of Landscape Science and Physical Geographic Regionalization**, Melbourne: University Press, 1973.

KHOROSHEV, A. V.; DYAKONOV; K. N. **Landscape Patterns in a Range of Spatio-Temporal Scales**, Landscape Series, Switzerland: Springer Nature AG, 2020.

KIYOTANI, I. O conceito de paisagem no tempo, **Geosul**, Florianópolis, v. 29, n. 57, p. 27-42, 2014.

KONOVALOVA, T. I. et al. **Landscape Interpretation Mapping**, Novosibirsk: Nauka, 2005.

LANG, S.; BLASCHKE, T. **Análise da paisagem com SIG**, Tradução de Hermann Kux, São Paulo: Oficina de Texto, 2009.

LA O, J. A.; SALINAS, E.; LICEA, J. E. Aplicación del diagnóstico geocológico del paisaje en la gestión del turismo litoral Caso Destino Turístico Litoral Norte de Holguín, Cuba, **Investigaciones Turísticas**, n. 3, p. 1-18, 2012.

LEASK, A. Visitor Attraction Management: A critical review of research 2009-2014, **Tourism Management**, Vol. 57, p. 334-361, 2016.

LEMOINE, F. A.; CASTELLANOS, G. M.; HERNÁNDEZ, N. R.; ZAMBRANO, S. E.; CARVAJAL, G. V. Análisis de los atractivos y recursos turísticos del cantón San Vicente, Ecuador, **Retos de la Dirección** 12(2), p. 133-148, 2018.

LEMUS, J.; DIAZ, M. A. Zonificación turística en la subregión Barlovento del Estado Miranda. Una aproximación metodológica para la conformación de áreas turísticas, **Terra nueva etapa**, XXXIV, 55, p. 15-42, 2018.

LENO-CERRO, F. Los recursos turísticos en un proceso de planificación: inventario y evaluación, **Papers de Turisme**, n. 7, p. 7-24, 1991.

LENO-CERRO, F. **Técnicas de Evaluación del Potencial Turístico**, Madrid, Serie Libros para el Turismo N. 2, Ministerio de Industria, Comercio y Turismo, 1993.

LÓPEZ, D. **La ordenación y la planificación integrada de los recursos territoriales turísticos**, Castellon: Publicacions de la Universitat Jaume I, 1998.

MCMILLAN, J.; SCHUMACHER, S. **Investigación educativa: una introducción conceptual**. Madrid: Pearson Addison Wesley, 2005.

MARTINELLI, M.; PEDROTTI, F. A. A cartografia das unidades de paisagem: questões metodológicas, *Revista do Departamento de Geografia-USP*, n.14, p. 39-46, 2001.

MATEO, J. M. Geografía de los Paisajes, Primera Parte, Paisajes Naturales. La Habana: Editorial Universitaria, 2011.

MATEO, J. M.; SILVA, E. V. da. Classificação das Paisagens a partir de uma Visão Geossistêmica, **Mercator**, v. 1, n. 1, p. 95-112, 2002.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o Conceito de Paisagem, **RaeGa**, n. 8, p. 83-91, 2004.

MÉNDEZ, A.; SERRANO, M. A.; SALINAS, E.; GARCÍA, A. Propuesta metodológica basada en indicadores para la valoración del potencial turístico del paisaje en áreas rurales: el caso del municipio de Atlautla (México), **Cuadernos de Turismo**, n. 42, p. 335-354, 2018.

MINCETUR. **Manual para la formulación del inventario de Recursos Turísticos a nivel Nacional (Fase I- Categorización)**, Perú: Resolución Ministerial N° 197-2006-MINCETUR/DM Viceministerio de Turismo, 2006.

MINCETUR. **Manual para la formulación del inventario de Recursos Turísticos a nivel Nacional**. Perú: Viceministerio de Turismo, 2008.

MIRAVET-SÁNCHEZ, B. L.; GARCÍA-RIVERO, A. E.; SALINAS-CHÁVEZ, E.; CRUAÑAS-LÓPEZ, E.; REMOND-NOA, R. Diagnóstico Geoecológico de los paisajes de la cuenca hidrográfica Ariguanabo, Artemisa, Cuba, **Ciencias de la Tierra y el Espacio**, v. 15, n. 1, p. 53-66, 2014.

MORALES, J. **Guía práctica para la interpretación del patrimonio: el arte de acercar el legado natural y cultural al público visitante**. Sevilla: Consejería de Cultura Junta de Andalucía, 2001.

MÜCHER, C. A.; KLIJN, J. A.; WASCHER, D. M.; SCHAMINÉ, J. H. J. A new European landscape classification (LANMAP): a transparent, flexible and user-oriented methodology to distinguish landscapes, **Ecological Indicators**, 10, p. 87-103, 2010.

MUÑOZ-PEDREROS, A. La evaluación del paisaje: una herramienta de gestión ambiental, **Revista Chilena de Historia Natural**, n. 77, p. 139-156, 2004.

NAVARRO, E.; LUQUE, A. M. **Área Temática #8**: Proceso de elaboración de un plan turístico. Málaga, Programa de Doctorado en Gestión y Desarrollo Turístico Sostenible, Asignatura: La Planificación Turística, Material para los alumnos, 2005.

NAVARRO, D. Recursos turísticos y atractivos turísticos: conceptualización, clasificación y valoración, **Cuadernos de Turismo**, n. 35, p. 335-357, 2015.

NAVEH, Z.; LIEBERMAN, A. S. **Ecología de Paisajes**: Teoría y Aplicación. Buenos Aires: Editorial Facultad de Agronomía, Universidad de Buenos Aires, 2001.

NIKOLAIEV, V. A.; AVESSALOMOVA, I. A.; CHIZHOVA, V. P. **Paisajes antropoc-naturales: urbanos, recreativos, de parques y jardines** (en ruso). Manual docente Facultad de Geografía de la Universidad Estatal de Moscú, 2011.

NOGUÉ, J.; VELA, J. La dimensión comunicativa del paisaje. Una propuesta teórica y aplicada, **Revista de Geografía Norte Grande**, v. 49, p. 25-43, 2011.

OCAÑA, C.; GOMEZ, M. L.; BLANCO, R. **Las Vistas como Recurso Territorial. Ensayo de evaluación del paisaje visual mediante un SIG**, Málaga: Editorial Universidad de Málaga, 2005.

OLIVEIRA, C. dos S.; GIMENES-MINASSE, M. H.; MORAL, S. C. Processo de Formatação de Atrativos Turísticos Sustentáveis, **Turismo em Análise**, v. 26, n. 3, p. 639-667, 2015.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, **Metodologia de Inventario Turístico**. Washington: OEA, 1978.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Evaluación de los recursos turísticos**. Madrid: OMT, 1978.

PALACIO-PRIETO, J. L.; SÁNCHEZ, M. T. **Guías metodológicas para la elaboración de Programas Estatales de Ordenamiento Territorial** (2ª Generación). México: Instituto de Geografía, UNAM, 2004.

PÉREZ-VIVAR, M. A.; GONZÁLEZ-GUILLÉN, M. DE J.; VALDEZ-LAZALDE, J. R.; DE LOS SANTOS-POSADAS, H. M.; ÁNGELES-PÉREZ, G. Diseño de un sistema de cómputo para determinar aptitud ecoturística de áreas forestales, **Revista Chapingo, Serie Ciencias Forestales y del Ambiente**, v. 19, n. 1, p. 13-28, 2013.

PINTÓ, J. El concepto de paisaje y su aplicación en el planeamiento territorial y ambiental. In: GERAIGES, A. I.; GALVANI E. (Org.). **Geografia, tradições e perspectivas: interdisciplinaridade, meio ambiente e representações**. São Paulo: CLACSO, 2009, p.119-139.

RAMÓN, A. M.; SALINAS, E.; MILLÁN, M.; LABRADA, O.; ROSALES, Y. Evaluación de los recursos paisajísticos e históricos para el desarrollo del turismo de naturaleza en las zonas de uso público del Parque Nacional Pico Bayamesa. Cuba, **Investigaciones Turísticas**, nº 19, p. 213-239, 2020

RAMÓN, A. M.; SALINAS, E.; REMOND, R. Diseño Metodológico para la Elaboración de Mapas de Paisajes con el Uso de los SIG: Aplicación a la cuenca alta del río Cauto, Cuba, **GEOSIG**, a. 1, n. 1, p. 95-108, 2009.

REYES, A. C.; TORRES, J. L.; VILLARRAGA, L. F.; MEZA, M. C. Valoración del paisaje y evaluación del potencial interpretativo como herramienta para el turismo sostenible en el Ecoparque Las Monjas (La Mesa, Cundinamarca), **Cuadernos de Geografía, Revista Colombiana de Geografía**, v. 26, n. 2, p. 177-194, 2017.

REYES, O.; SANCHEZ-CRISPIN, A. Metodología para determinar el Potencial de los recursos turísticos naturales en el estado de Oaxaca, México, **Cuadernos de Turismo**, n. 16, p. 153-173, 2005.

SAATY, T. The Analytic Hierarchy Process, Decision Making, Pittsburg: University Press, 1988.

SALINAS, E. **Análisis y evaluación de los paisajes en la planificación regional de Cuba**, 187 f., 1991. Tese (Doutorado em Geografia) Universidad de la Habana, Havana, 1991.

SALINAS, E. Ordenación, Planificación y Gestión de los Espacios Turísticos: Aspectos teórico-metodológicos. In: CAPPACI, A. (Editor) **Turismo y Sustentabilidad. Un acercamiento multidisciplinar por el análisis del movimiento y de las estrategias de planificación territorial**, Génova: Universidad degli Studi di Génova, 2002, p. 263-273.

SALINAS, E.; GARCÍA, A. E.; MIRAVET, B. L.; REMOND, R.; CRUAÑAS, E. Delimitación, Clasificación y Cartografía de los Paisajes de la cuenca Ariguanabo, Cuba, mediante el uso de los SIG, **Revista Geográfica del IPGH**, n. 154, p. 9-30, 2013.

SALINAS, E.; GARCÍA-ROMERO, A.; SERRANO, M. A.; MÉNDEZ, A.; MORETTI, E. C. Las Dimensiones del Paisaje como Recurso Turístico. In: SUAREZ, R. M.; PINTÓ, J. (eds.) **Turismo i paisatge**, Girona, Documenta Universitaria, 2019a, 131-140.

SALINAS, E.; MATEO, J. M.; CAVALCANTI, L.C. S.; BRAZ, A. M. Cartografía de los Paisajes: teoría y aplicación. **Physis Terrae**, Guimarães vol. 1, n. 1, p. 7-29, 2019b.

SALINAS, E.; QUINTELA, J. Paisajes y Ordenamiento Territorial, Obtención del mapa de paisajes del Estado de Hidalgo en México a escala media con el apoyo de los SIG, Alquibla, **Revista de Investigaciones del Bajo Segura**, 7, Alicante, p. 517-527, 2000.

SALINAS, E.; RAMÓN, A. Propuesta metodológica de la delimitación semiautomatizada de unidades de paisaje de nivel local, **Revista do Departamento de Geografia-USP**, v.25, p.1-19, 2013.

SALINAS, E.; REMOND, R. El Enfoque Integrador del Paisaje en los Estudios Territoriales: Experiencias Prácticas. In: GARROCHO, C.; BUZAI, G. (eds.). **Geografía Aplicada en Iberoamérica: avances, retos y perspectivas**. México: El Colegio Mexiquense, 2015, p. 503-543.

SALINAS, E.; RIBEIRO, A. F. La cartografía de los paisajes con el empleo de los Sistemas de Información Geográfica: Caso de estudio Parque Nacional Sierra de Bodoquena y su entorno, Mato Grosso do Sul, Brasil, **GEOSIG**, v. 9, n. 9, p. 186-205, 2017.

SALINAS, E.; TROMBETA, L. R.; LEAL, C. Estudo da paisagem aplicado ao Planejamento e Gestão de Bacias Hidrográficas. In: SEVERO, A.; DI MAURO, C. (orgs.). **Governança da Água**. Das Políticas Públicas a Gestão de Conflitos, Campina Grande: EPTEC, 2020, p. 49-63.

SCHULTE, S. **Guía conceptual y metodológica para el desarrollo y la planificación del sector turístico**, Serie Manuales, n. 25. Santiago de Chile: CEPAL, 2003.

SILVA, R.; FERNANDEZ, V. El Patrimonio y el Territorio como activos el desarrollo desde la perspectiva del ocio y del turismo, **Investigaciones Geográficas**, n. 46, p. 69-88, 2008.

SILVEIRA, M. A.; TARLOMBANI, D. A. Percepção geográfica, turismo e valorização do espaço, In: **SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE**, Universidade Estadual de Londrina, p. 1-10, 2005.

SMITH, S. L. J. **Geografía recreativa: investigación de potenciales turísticos**, México: Editorial Trillas, 1992.

TESSER, C. Algunas reflexiones sobre los significados del paisaje para la geografía, **Revista de Geografía Norte Grande**, n. 27, p. 19-26, 2000.

VALLÉS, M.; GALIANA, F.; BRU, R. Towards harmonization in landscape unit delineation: An analysis of Spanish case studies, **Landscape Research**, 38(3), p. 329-346, 2013.

VAR, T.; BECK, R.; LOFTUS, P. Determination of touristic attractiveness of the touristic areas in British Columbia, **Journal of Travel Research**, n. 5, p. 1-8, 1977.

VARISCO, C.; CASTELLUCCI, D.; GONZÁLEZ, M. C.; MUÑOZ, M. J.; PADILLA, N.; CAMPOLIETE, L.; BENSENY, G. El relevamiento turístico: de CICATUR a la Planificación Participativa, **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, v. 4, n.3, p. 45-54, 2014.

WALLINGRE, N.; TOYOS, M. **Diccionario de Turismo, Hotelería y Transporte**. Buenos Aires: Ediciones Universidad del Salvador, 2010.

ZANFELICE, T.; ETCHEBEHERE, M. L.; SAAD, A. R. Avaliação preliminar do potencial turístico do município de Rifaina (SP) e os impactos decorrentes do uso público de seus atrativos paisagísticos, **Geociências**, v. 28, n. 2, p. 203-220, 2009.

ZONNEVELD, I. S. **Land Ecology**. Amsterdam: SPB Academic Publication, 1995.